

Entre Dom Quixote e Sancho Pança

Revista Crítica de Ciências Sociais
N.º 37
Junho 1993

— Tudo isso não me deixa insatisfeito; continua — disse Dom Quixote. — Chegaste; e que estava aquela rainha da formosura a fazer? Estou certo de que foste dar com ela a enfiar pérolas ou a bordar com fio de ouro uma insígnia para este cavaleiro, seu escravo.

— Fui dar com ela — respondeu Sancho — foi a joeirar duas fangas de trigo num pátio da casa.

— Pois podes ter a certeza — disse Dom Quixote — que os grãos daquele trigo, tocados pelas mãos dela, eram pérolas. E reparaste, amigo, se o trigo era do branco ou do escuro?

— Nem dum nem doutro, era do vermelho — respondeu Sancho.

— Pois asseguro-te — disse Dom Quixote — que, joeirado pelas suas mãos, fez pão alvo do mais fino, sem dúvida alguma. Mas continua: quando lhe deste a minha carta, beijou-a? Pô-la sobre a cabeça? Fez alguma cerimónia digna de tal carta? O que é que ela fez?

— Quando lha ia a dar — respondeu Sancho — ela estava sem ter mãos a medir com a bela porção de trigo que tinha na panela e disse-me: “Amigo, ponde essa carta em cima daquele saco; não posso lê-la enquanto não acabar de joeirar isto tudo.”

Miguel de Cervantes, *D. Quijote de la Mancha*, Madrid, Cátedra, 1977, tomo I, cap. XXXI, 366

A sociologia e as ciências sociais em geral têm estado tradicionalmente mais próximas de

Dom Quixote do que de Sancho Pança. Onde há trigo vêm pérolas, onde há gestos vêm cerimónias, onde há trabalho e cansaço vêm mitos e ritos, onde há respostas chãs vêm sentidos grandiloquentes, onde há hoje e aqui vêm amanhã e além, onde há gente a tratar bem do que lhe convém vêm racionalidade, onde há gente a fazer o contrário vêm anomia, loucura e marginalidade, onde há fome e injustiça vêm relações de produção, onde não há respostas vêm respostas a haver, onde há acções vêm a Acção.

A razão destas preferências é certamente explicável sociologicamente. A verdade é que, muito provavelmente, onde há interesses veremos ideologias, onde há razões veremos teorias, onde há preferências veremos argumentos. A regressão ao infinito é, pois, o que nos espera e mesmo esta não será senão mais uma aventura exaltante para uma perplexidade de pé descalço. Talvez, como adiante veremos, Cervantes seja melhor arrimo.

Como quer que seja, é notório que, na última década, e ao arrepio da tradição, a sociologia se aproximou de Sancho Pança e começou a mostrar maior simpatia pela sua maneira de estar no mundo e ver as coisas. Em vez dos altos desígnios cavalheirescos, o bom senso camponês; em vez dos grandes combates por Dulcinea del Toboso, a luta quotidiana pelo conforto simples e o estômago cheio; em vez dos acontecimentos pletóricos, o que se passa quando nada se passa. Numa disciplina com uma tradição longa e diversificada, esta mudança de gosto e de perspectiva não pode deixar de ter um quê de revivalismo. É que, se a sociologia sempre exultou com seus Dons Quixotes, tenham eles sido Marx, Weber ou Durkheim, não dispensou nunca os seus Sanchos Panças, Simmel, por exemplo.

Este número da *Revista Crítica de Ciências Sociais* procura dar conta da sanchopancização recente da sociologia, ou seja, da entrada ou reentrada do quotidiano no centro da reflexão sociológica. No entanto, como a sociologia é um saber científico

segundo o paradigma da ciência moderna, tudo o que nela ocorre como mudança recente ou menos recente, é sempre, em parte, uma recorrência de outras mudanças mais antigas e mais amplas no seio da modernidade. Antes de estar na sociologia, o quotidiano esteve na pintura de Caravaggio e de Velasquez e no teatro de Shakespeare e de Gil Vicente, na filosofia de Erasmo e de Montaigne.

Daí que incluamos neste número da Revista, excertos do ensaio de Montaigne intitulado "Da Experiência". Apesar de raramente reconhecido como tal, Montaigne é o verdadeiro fundador da inteligibilidade sociológica do quotidiano. Escrevendo em finais do século XVI, nos primórdios da modernidade, ele anteviu, com argúcia singular, o descaso a que o emergente paradigma científico e filosófico iria votar a experiência e o saber quotidianos e insurgiu-se contra isso munido de uma capacidade de auto-análise, a um tempo íntima e universal, que ainda hoje nos surpreende pela sua eloquência e lucidez e nos comove pela honestidade a que nos convoca.

Perante a arrogância anunciada do saber moderno ao auto-proclamar o seu privilegiado acesso ao saber universal e à verdade absoluta, Montaigne declara com firmeza e alguma ironia que "das opiniões da filosofia, perfilh[a] sobretudo as que são mais sólidas, isto é, as mais humanas e as mais consentâneas connosco". O saber tem, assim, de ser construído à escala humana, e a sua verdade de pouco vale se não for calibrada pela experiência pessoal. A verdade pertence mais ao domínio do ser do que ao domínio do saber: "a nossa obrigação é forjar o carácter e não escrever livros".

Para Montaigne, a universalidade do humano não é um artefacto conceptual mas o resultado da coragem e da profundidade com que mergulhamos em nós mesmos, na inteireza do que somos, nas forças e nas fraquezas, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, nos hábitos alimentares e na vida sexual, na higiene diária e na convivência social. Num momento em que procuramos reaver o corpo que nos foi expropriado

por um saber de cuja inocência epistemológica hoje duvidamos, não admira que Montaigne nos seja hoje tão radicalmente contemporâneo. Ele que falou de nós há mais de quatrocentos anos e nos propôs uma modernidade alternativa àquela, cartesiana, que nos séculos seguintes dominou empoleirada em alturas de que agora se estatela. É a vingança de quem sabia que “mesmo no trono mais alto do mundo, continuamos sentados em cima do nosso cú”.

Os restantes artigos abordam a temática sociológica do quotidiano em diferentes registos. A reflexão predominantemente epistemológica de Moisés Lemos Martins suscita questões teóricas e metodológicas sobre a produção de sentido social também presentes nos artigos de Arriscado Nunes, Machado Pais, Adriano Rodrigues e Nuno Porto e, obviamente, no comentário de Paulo Monteiro sobre Bourdieu. O artigo de Pedro de Andrade trata de um tema específico do quotidiano moderno e pós-moderno, a viagem. O quotidiano pachorrentamente sedentário de Montaigne, no princípio da modernidade, dá lugar, no fim desta, à vertigem espacial, às rotinas fora do lugar ou mesmo sem lugar. De todo o modo, montando um burro-burro ou um burro-turbo, Sancho Simmel Pança lá vai percorrendo vários destes artigos, sobretudo os de Machado Pais e de Pedro de Andrade e também, virtualmente, o de Arriscado Nunes.

Mas o quotidiano é, como o homem de Musil, um conceito sem qualidades. Daí que tenha muitas faces. Ao quotidiano despreocupado e irreverente, segundo Machado Pais, ou ao quotidiano turístico ou contra-turístico, segundo Pedro de Andrade, contrapõe-se o quotidiano violento da dilaceração dos corpos dos camponeses e trabalhadores rurais brasileiros, segundo Tavares dos Santos. Ao quotidiano individual que perpassa por quase todos os artigos deste número, contrapõe-se o quotidiano institucional, das instituições que criam o seu quotidiano à custa do nosso, a sua saúde à custa da nossa doença, no artigo de Pedro Ferreira e de Olga Seco, o qual, apesar de incluído como extra-temático, acaba por

entrar no tema por nossa fantasia a que o quotidiano não sabe responder.

À laia de moral da história, a pergunta que ocorre é se a sociologia tem mesmo de optar entre Dom Quixote e Sancho Pança. A minha resposta é não. E se não há melhores razões para ela, que baste a fidelidade a Cervantes. Efectivamente, para Cervantes, Dom Quixote e Sancho Pança pertencem-se mutuamente, são as duas faces da mesma realidade, espanhola e europeia. A face das conquistas, da expansão e do império, das grandezas a esconder misérias, e a face dos camponeses e dos pobres, da simplicidade e da exploração, das misérias a sustentar grandezas. Cervantes recusa-se a ver só uma face. Por isso Dom Quixote não vive totalmente encerrado nas suas fantasias, como um herói de Kafka, já que Pança o vai trazendo (quase) à realidade. A sua loucura, que é também (quase) a nossa, é o protesto fantástico contra os limites de uma existência organizada para a mediocridade. Aderimos a ele como a Charlie Chaplin, Groucho Marx ou Cantinflas. E — porque não? — como a Saint Simon e a Fourier. E aderimos tanto a ele como aderimos a Sancho Pança que, com o engenho e arte do saber quotidiano, transforma, perante o amo em transe, a realidade da jovem camponesa na imaginação da Dulcineia.

Boaventura de Sousa Santos